

Guerreiros Zapatistas: Velho Antonio e Don Durito

Celso Gestermeier do Nascimento¹

Resumo: Este artigo analisa dois personagens que aparecem no comunicados que o Exército Zapatista de Libertação Nacional publica na Internet. Cada um, a seu modo, e com suas histórias, corporifica o combate ao neoliberalismo: o velho índio Antonio e o escaravelho Durito.

Palavras-Chaves: neoliberalismo, zapatismo, movimento social

Abstract: This essay analyzes two characters that appear in the announcements, which the Zapatist National Liberation Army divulges over the Internet. Each one, in their way, and with their own stories, embodies the fight against neoliberalism: the old Indian *Antonio* and the beetle *Durito*.

Key words: neoliberalism, zapatism, social movement.

O Exército Zapatista de Libertação nacional causou uma grande surpresa em janeiro de 1994 quando surgiu no cenário político mundial, ocupando algumas cidades do estado mexicano de Chiapas. Usando armas ultrapassadas afirmavam que sua guerra seria de palavras e não de armas. Sendo assim, a Internet passou a ser um dos seus elementos mais importantes para divulgar suas reivindicações e críticas acerca da globalização econômica e do NAFTA. Em oposição ao neoliberalismo, os zapatistas valeram-se exatamente do computador como um de seus elementos centrais de luta.

Os zapatistas, cujo porta-voz é o Subcomandante Marcos, conseguiram atrair a atenção da mídia pelo mundo todo com essa estratégia, aliada a outras, como plebiscitos entre as diferentes comunidades indígenas mexicanas, a criação de um Fórum contra o neoliberalismo, a participação em debates e eventos, como o de Porto Alegre – o “zapatatour” que consistiu numa peregrinação à cidade do México para negociar com o governo, pedidos de socorro para que e-mails, cartas e telegramas fossem enviados por simpatizantes do mundo todo ao governo mexicano, pedindo abertura de negociações etc. Além dessas atividades, os zapatistas mantêm alguns “sites” na Internet desde 1994, que opinam sobre questões internacionais, divulgam reuniões, resultado dos plebiscitos, e também contos, poesias, além de suas reivindicações. Eles sabem que uma mensagem pode ser transmitida de várias formas, com vários recursos e que além das armas existe o recurso da palavra oral e escrita. Ainda quando escrita eles não dispensam a forma poética ou o uso de personagens.

¹ Mestre, UFCG

A tradição histórica de lutas camponesas mexicanas é um importante elemento aglutinador e os heróis necessitam sempre retornar à cena para liderar essas lutas. Assim foram forjados Cuautémoc, Hidalgo, Morelos, Juarez e Zapata. A identificação com a imagem do general Emiliano é clara e consciente, do guerreiro que ainda hoje cavalga pelas montanhas de Morelos e que onde houver algum camponês lutando por terra, ele estará presente, assim como está presente nos murais que encantam prédios públicos mexicanos e que enseñan gratuita y didácticamente la historia nacional. (RAJCHEMBERG & HÉAU-LAMBERT,1996)

Assim, tal imagem reaparece e funde-se ao Subcomandante Marcos, exibindo munições e galopando, pois o cavalo é também símbolo do México rebelde, e era uma paixão do general Zapata.

Os novos zapatistas são mestres no uso de imagens em transmitir suas mensagens, quebrando com a tradição dos revolucionários e intelectuais que elegeram a palavra escrita como centro de trabalho. Ou, ainda, a evocação das imagens é também um importante recurso das sociedades indígenas da tradição oral, da fala à beira da fogueira a devolver a vida aos deuses e aos ancestrais, lembrando que a comunidade constitui um elo não somente geográfico mas também temporal, que dela participam os mortos. As imagens não são fortuitamente escolhidas: contrastam com símbolos da modernidade, opõem-se aos discursos dos governantes que querem tornar o país globalizado. E, ao mesmo tempo, invertem as premissas do pensamento neoliberal: em lugar da globalização econômica o discurso zapatista fala em globalização humana, em união mundial para manter suas especificidades e tradições.

Neste artigo, trataremos de analisar dois personagens que aparecem nos comunicados que o EZLN vem transmitindo ao mundo desde 1994. Em primeiro lugar, “El Viejo Antonio”, que presenteia os leitores com as estórias² de quando o mundo não existia, quando o tempo não transcorria e os deuses bailavam e, aos poucos, iam construindo o futuro. El Viejo Antonio ajuda o leitor a conhecer as velhas lendas mayas, seus deuses, suas imagens e exige que os zapatistas não se esqueçam de suas mais antigas raízes e heranças e, através de conversas com o Subcomandante Marcos, traz sempre a palavra de antigos deuses, palavra da tradição, palavra que não pode ser esquecida, que precisa ser sussurrada e divulgada.

Já o outro personagem que analisamos é Durito, um escaravelho ousado, politizado e revolucionário. Outra palavra, a de Durito: a da chama revolucionária, da acidez crítica ao neoliberalismo, da reflexão política e da certeza da vitória que se mescla a outro personagem, mais famoso e mais idealista, Don Quixote. Durito é o escaravelho cuja paixão política leva-o a tornar-se Don Durito de la Lacandona.

² Embora não se tenha mais o hábito de diferenciar história de estória, preferimos usar o segundo termo para diferenciar os relatos míticos do Velho Antonio de eventos relacionados à Revolução Mexicana de 1910, por exemplo, embora os comunicados utilizem História.

1) O Velho Antonio

O velho Antonio tem uma relação íntima com a natureza, são inúmeras as referências a ele chegando com a noite e, muitas vezes, com as forças poderosas da natureza, como o vento, a chuva ameaçadora, a escuridão e a anunciação de um novo dia. Também suas estórias remetem ao tempo em que as trevas reinavam e os deuses estavam às voltas com a criação do mundo, o tempo em que não havia tempo, em que não existia o antes e o depois, por isso o velho Antonio fala à noite e ouve as vozes dos deuses também à noite. As estórias do velho Antonio são contadas ao redor do fogo, enquanto ele fuma cigarros e Marcos um cachimbo, sentados *con el, con el Viejo Antonio, se sientan junto conmigo todos los hombres y mujeres de morena sangre em corazón digno.* (6/7/1996).³

O velho Antonio às vezes parece apenas um personagem. Mas, é mais do que isso, pois simboliza também o “processo de indianização” pelo qual Marcos passou ao internar-se na Selva Lacandona. Corporifica todo o aprendizado pelo qual ele passou para aprender com os índios, para ouvi-los e abandonar suas intenções de conscientizá-los através dos dogmas marxistas. Como diz Marcos:

(...) No início, na nossa perspectiva de guerrilheiros, tratava-se de gente explorada que precisava ser organizada, à qual era necessário mostrar o caminho. Ponha-se no nosso lugar: éramos a luz do mundo! Cegos aos quais era necessário abrir os olhos! As coisas começaram a mudar quando chegou o outro tradutor, o deles, o Velho Antonio. Este homem de idade, que pode parecer uma personagem literária, mas que existiu realmente, torna-se o laço com as comunidades, com o mundo delas, com a sua componente mais indígena. Através dele, e através das lideranças políticas do grupo de mediação e das lideranças das comunidades indígenas, o Exército Zapatista começa a compreender melhor sua consciência, sua tradição histórica de luta política. Estávamos nos dirigindo a um movimento indígena que não estava esperando o salvador do mundo, mas que, aliás, era portador de uma tradição de luta, de uma grande experiência, um movimento muito sólido, e também muito inteligente ao qual nós servíamos apenas, digamos, de braço armado. (GENNARI, 2002, p.36).

Lembrar o passado

O velho Antonio, segundo Marcos, às vezes confunde o presente com o passado, tanto o passado mítico dos setes deuses, quanto o seu próprio passado – humano – do tempo em que ele era o “jovem Antonio” e seu pai é que era o “velho Antonio” e contava as estórias que agora ele conta. Entretanto, essa “confusão” não é um erro, mas parte de uma visão cujo tempo se repete e o presente necessita ser lembrança. Isso aparece no episódio em que eles estão perdidos na noite e

³ Nossas citações são obtidas na home page do Exército Zapatista de Libertação Nacional, na seção de comunicados.. Desta forma faremos referência a data em que aparecem no site www.ezln.org, pois alguns comunicados são datados diariamente e outro mensalmente. O leitor poderá, portanto, conferi-los através das datas entre parenteses.

Marcos segue por um caminho errado e se reencontra olhando para trás e seguindo o Velho Antonio. Entretanto, isso é parte do processo da busca do caminho:

Volteando para mirar atrás te das cuenta donde te quedaste. O sea que así puedes ver el camino que no te hiciste bien. Si mirar para atrás te das cuenta que lo que querias es regresar y lo que pasó es que tu respondiste que había que encontrar el camino de regreso. Y ahí está el problema. Te pusiste a buscar um camino que no existe. Habia que hacerlo. (6/7/1996).

Contra a insatisfação de Marco em ter se perdido, o velho Antonio contrapõe o argumento de que errando busca-se novos caminhos, e que todos são válidos:

(...) Sirvió porque así supimos que no sirvió y entonces ya no lo volvemos a caminar o sea a hacer, porque nos llevó a donde no queremos y entonces podemos hacernos outro para que nos lleve – dice el viejo Antonio. Yo lo quedo viendo um rato y le aventuro – Entonces, tu tampoco sabías si el camino que estabas haciendo nos iba a traer hasta aça? – No pues. Solo caminando se llega. Trabajando pues, luchando. Es lo mismo. (6/7/1996).

A partir do erro pode-se retomar a verdade. Isso também acontece no conto “A “História da Chave Enterrada” que apresenta os primeiros deuses sem memória, já que como não havia ainda o tempo, não podia haver memória, nem a diferenciação entre o antes e o depois. Assim, para manter a lembrança do mundo que criaram, os deuses fizeram uma cópia de tudo e a enterraram, como uma chave enterrada para o passado. Assim, cada vez que se quiser comparar o quanto o mundo se desviou do original, corrompendo-se, pode-se desenterrar o original, tomando-o como modelo para o retorno, ou seja, já que o mundo dos homens tornou-se uma corrupção do mundo original – dos deuses – sua lembrança ficou gravada sob o solo e para o qual um dia haveremos de retornar:

Finalmente me parece que el viejo Antonio tiene razón cuando dice que hay debajo de nosotros um mundo mejor que el que padecemos que la memoria es la llave del futuro y que (agrego yo) la historia no es más que um periscopio invertido. (2/1998).

Logo, passado e presente se mesclam, se pertencem, entrecruzam, como os deuses Ik'al e Votán, os primeiros, os que fizeram o mundo, aqueles que precederam os sete deuses dos quais o velho Antonio tanto fala. Diz a lenda que os dois deuses eram opostos e, ao mesmo tempo, eram o mesmo, uma dualidade criadora, eram a noite e o dia e que ensinaram os homens a caminhar questionando-se, sem nunca parar. Para tanto era necessário nunca chegar, nunca partir, sempre perguntar até descobrir para onde vai a estrada. É por isso que o velho Antonio presenteia Marcos com uma foto do General Emiliano Zapata onde o antes e o depois estão entrelaçados. Afinal, o general estará indo ou permanecendo? Subindo ou descendo? Guardando a arma que acabou de usar ou sacando-a para o uso? O mito permanece ou recomeça? É assim que Marcos encerra o comunicado perguntando-se: esta foto de 84 anos, será nosso passado ou nosso futuro?

Tolerar as diferenças

Em “A História das Cores” (10/1994), o velho Antonio conta como os sete deuses criaram as diferentes cores, cada qual em uma jornada da qual retornava com uma cor específica. Ao final, as cores começaram a se misturar e fugiram da caixa em que os deuses as haviam prendido, escapando para o mundo e respingando nos seres humanos. Para que os homens nunca se esquecessem das cores, os deuses pintaram a arara, para que ela permaneça lembrando que há muitas cores e, também, muitos pensamentos no mundo e que os homens só serão felizes quando todos os pensamentos, assim como todas as cores, viverem em paz. Também a “História dos Outros” (01/1998) traz uma mensagem de tolerância. Nela, os sete deuses perceberam que havia sete pensamentos diferentes entre eles e assim, fizeram uma Assembléia e chegaram a um acordo, após ouvirem as palavras uns dos outros, perceberam que eram diferentes, mas eram todos deuses e, portanto, um não era mais importante que o outro. Logo, os sete deuses concluíram que é necessário reconhecer as diferenças e aceitar a existência do outro, pois ouvir e conhecer o outro também significava ouvir e conhecer a si mesmo. Assim, escutar, reconhecer e respeitar o outro foi a lição aprendida pelos deuses, que muito se alegraram e dançaram para, enfim, cansados, dormirem. Marcos tira suas conclusões:

Esta fue la historia que me conto el viejo Antonio cuando trataba de escribirles esta carta. Y creo que lo más importante que tenemos que decirles es eso, que los escuchamos, que los reconocemos, que los respetamos. Puede parecer poço a la distancia, pero ya vem que el reconocer al outro, el respetarlo y el escucharlo, produce cosas tan tremendamente transcendentales como um baile. (01/1998).

Nessas falas dos deuses antigos aparecem também as propostas do EZLN: respeito pela adversidade, reconhecimento das diferenças, assim eles se comunicam com o mundo e pedem o reconhecimento de suas etnias pelo governo mexicano. Para que não sejam apenas um, mas muitos e que nunca os homens se acabem, pois também aprenderam com os deuses, ao observar o arco-íris – “A História do Arco-Íris” (8/1/1996), os deuses e os homens podem tirar suas conclusões:

Y tenia el puente de luz, colores y nubes 7 colores como franjas y entonces los dioses primeros y los hombres y mujeres de maíz se miraron outra vez y se volvieron a mirar el puente que no iba ni vênia sino nomás se estaba y entonces se entendieron que el puente de colores, nubes y luz no va ni viene sino que erve para ir o para venir y entonces se pusieron muy alegres los todos que se estaban pensándose y aprendiéndose y supieron que eso era lo bueno, ser puente para que vayan y vengan los mundos Buenos, los nuevos que nos hacemos. (8/1/1996).

Observar, contemplar e resistir

Outro elemento digno de nota nas falas do Velho Antonio é a persistência da sabedoria da observação, da contemplação, na qual está uma das conclusões da “História da Espada, da Pedra, da Árvore e da Água” (29/9/1995), uma clara referência a espada do conquistador europeu que se abateu sobre o mundo indígena. A espada pode ser forte o suficiente para enfrentar e destruir uma árvore que suportou muitas tempestades, mas numa luta com a pedra, ambas saem derrotadas: a pedra porque fica quebrada em muitos pedaços e a espada perde o fio. No entanto, julgando-se superior a água, a espada busca golpeá-la e não recebe resistência, a cada golpe a água se recupera e retorna sua forma, enferrujando e destruindo a espada:

Acabaran los abuelos de contarse la historia de la espada, el árbol, la piedra y el agua y se dijeron: Hay veces que debemos pelear como si fuéramos espada frente al animal, hay veces que tenemos que pelear como árbol frente a la tormenta, hay veces que tenemos que pelear como piedras frente al tiempo. Pero hay veces que tenemos que pelear como el agua frente a la espada, aa árbol y la piedra.

Esta es la ora de hacernos agua, y seguir nuestro camino hasta el rio que nos lleve al agua grande donde curan sus ed los grandes dioses, los que nacieron el mundo, los primeros. (29/9/1995).

A sabedoria dos antigos ensina a esperar, como os zapatistas esperam na Selva Lacandona, esperam e esperam pelo diálogo, pela boa palavra com o governo. Enquanto isso, às vezes é necessário recorrer-se ao silêncio. Como também os deuses fizeram, pois não podiam dançar, não conseguiam se concentrar porque havia muito ruído, então eles buscaram o silêncio dentro deles mesmo e aí se encontraram. Também o homem deve aprender com o silêncio, aprender a ler o céu, a ler o solo. E também os zapatistas necessitam de silêncio, às vezes – e os comunicados cessam – mas para refletir e não para que seu silêncio seja visto como o lugar dos partidos políticos.

O velho Antonio é uma figura humana, que ouve os deuses e comunica aos homens, um mensageiro que vem com a noite e parte com a madrugada, que ensina com poucas palavras e com muito silêncio, que acompanha as dores de sua companheira com brincadeiras e carinhos, que divide o sofrimento com ela – Doña Juanita – e depois recebe de presente um pão feito em lata de sardinhas. É velho e é jovem, porque é ponte, é o passado de 10 anos atrás e é o porta-vez de Votán-Zapata, o deus Zapata que apareceu nas montanhas e que, simplesmente, conhece o caminho, que se despede ao chegar e que cumprimenta ao partir. Por isso, através do velho Antonio só existem arco-íris, a ponte do passado e do presente, de um relato – como diz Marcos – “de muito tempo atrás, ou seja, de hoje”.

2) Durito

Na noite eterna a que foram renegados os revolucionários zapatistas do Estado Mexicano de Chiapas, marginalizados duplamente - por serem índios e revolucionários - protegidos pela Selva

Lacandona, escura e chuvosa, veio à luz para o conhecimento dos mexicanos e, posteriormente, para todos os humanos interessados, um personagem exemplar, ao mesmo tempo rústico e refinado, charmoso e assustador: um escaravelho revolucionário.

Armado e perigoso, acompanhado de seu cavalo-tartaruga Pégaso, com couraça reluzente, elmo e armadura, Don Durito de La Lacandona é um escaravelho. Porém, mais do que um escaravelho, é também um personagem, E, ainda, mais do que inseto e personagem, é também humano, pois encarna as ambições, os ideais, a ironia e também a prepotência, o mal-humor e até mesmo os “estrelismos” dos seres humanos. E, ainda por cima, é um revolucionário mexicano, anti-neoliberal por excelência e herdeiro de uma tradição revolucionária como sabem bem ser os mexicanos.

Mas Don Durito não se contenta com limitações: ele é mexicano, é zapatista, herdeiro de Don Quixote – de onde vem seu refinado cavalheirismo e galhardia – e é ainda o dono de Excalibur, rei Artur, foi ele quem ensinou o extraordinário detetive Sherlock Homes, aquele que ditou versos para Bertold Brecht copiar afoitamente, que recebeu um mapa do tesouro das mãos do próprio pirata Barba Vermelha. Enfim, Durito rompe solenemente com as barreiras do tempo e as desprezíveis limitações do espaço.

Em Durito, no território chiapaneca, entrecruzam-se infinitas heranças e influências que o impulsionaram para a causa revolucionária anti-neoliberal. Esse personagem rompe com a imagem do revolucionário sério, compenetrado. Nem sempre Durito é confiável, pois rouba comida, os cadarços da bota do Subcomandante Marcos, e sempre se apropria de fumo para pitar e, talvez por isso, Durito seja humano. Aos leitores dos comunicados do Exército Zapatista de Libertação Nacional, Durito parece estar sempre próximo, um inseto-humano, que engana, que acredita, que se envaidece e é arrogante, que carnavaliza a Revolução e, por sinal, uma Revolução que talvez nem seja Revolução, pois não se propõe a ser separatista e mantém um relação de estranhamento com o poder político que não emana da comunidade.

Mas, voltemos a Durito, pois entender um pouco desse personagem é entender um projeto revolucionário não dogmático e que nem busca tomar o poder. Embora inseto, Durito tem múltiplas faces: é um personagem arrogante, presunçoso e mentiroso, que impõe a Marcos suas vontades e seus textos. Trata-se de um escaravelho que Marcos conheceu na Selva Lacandona enquanto era capitão em treinamento e, periodicamente, aparece para pedir tabaco. Referências negativas a Marcos não faltam nas palavras de Durito, tais como velhaco, insolente, ignorante etc, e nem mesmo referências constantes ao nariz proeminente de Marcos são poupadas, inclusive comparando-o a Cyrano de Bergerac. Vejamos algumas questões acerca desse intrigante personagem:

O Cavaleiro Durito

Durito não evoca a figura do revolucionário moderno, e até mesmo “internético”- como faz o zapatismo. Pelo contrário, satisfaz-se com a imagem do cavaleiro andante e romântico, tão na “contra-mão” da história como querem os defensores do neoliberalismo fazer que pareçam seus inimigos. A indumentária de Durito é ricamente escolhida: uma noz na cabeça, em forma de elmo, uma tampa de frasco como escudo, um raminho como espada (Excalibur) e uma lança feita de clip de papel. Sua montaria é a tartaruga Pégaso, de qualidades admiravelmente ligadas às forças da natureza, pois Pégaso é “veloz como um relâmpago em agosto, silencioso como o vento em março e dócil como a chuva em setembro” (15/04/1995). Assim, perfeitamente trajado, o cavaleiro pode rumar até a capital do país:

Tengo, por tanto, derecho a chegarme hasta la llamada “ciudad de los palácios”. Para qué queren palacios em el DF si no es para que um Caballero andante como yo, el más formoso, el más gallardo y el más respetado por los hombres, querido de las mujeres y admirado de los niños, los honre com mi pie? (15/04/1995)

E, ainda como Don Quixote nosso cavaleiro fica preocupado por não ter uma donzela pela qual se apaixonar e, por isso, sofrer. Tal preocupação justifica-se na medida em que todo romântico deve ter uma Dulcinéia cujo amor platônico dá sentido a sua vida. Assim, sua busca consiste em se parecer o máximo possível com o personagem de Cervantes. Ou seja, um personagem que se pretende ser a sombra de outro personagem, este também criado para ser uma sombra. Don Quixote foi a “triste figura”, a qual se transformou o cavaleiro medieval, sombra pálida de El Cid, Don Durito pode ser entendido como “a sombra da sombra”, “caricatura da caricatura”, mas cujo heroísmo é recuperado e valorizado pelos zapatistas. Impossível não sentir simpatia pelo escaravelho que, afinal de contas acredita na mudança e desdém da força do econômico e do neoliberalismo que vai à capital do país para o 1º. De Maio e conclui: “*estaban todos (...) solo hace falta una revolución.*”(5/5/1995)

Tal personagem agrada ao leitor que se apaixona por causas perdidas, afinal de um escaravelho quixotesco não se pode esperar grandes revoluções e, por outro lado, dele também não se pode esperar a seriedade dos dogmas marxistas.

Lições de Durito

Uma outra faceta de Durito é a de contador de histórias. Como é de se esperar, suas histórias necessitam ser pensadas e bem interpretadas, como a do cavalo baio que, ao ver que seu dono, um

pobre camponês devorou seu porco e sua galinha não vê outra saída além de... fugir para outro conto, para não ser também comido. Haverá alguma moral nessa história? Talvez não, mas para o Durito Contador de Histórias, tudo tem lógica, desde que dito ou feito por ele.

Assim, com sua “lógica” Durito parece sempre querer surpreender o leitor. Aqui não encontramos – como até seria de se esperar – um discurso que lamentasse a pobreza do camponês mexicano, a exploração à qual é submetido por séculos na História Mexicana mas, apenas o caminho óbvio da fuga do cavalo que, também como personagem de um conto, pode simplesmente fugir para outro conto pois, como Durito, até mesmo os personagens são livres.

Em outra situação, ele se propõe a ajudar o subcomandante em suas dúvidas acerca da companheira La Mar, recorrendo à feitiçaria – mais uma vez deparamo-nos com o “arsenal” de habilidades de nosso herói:

“Bueno, a lo que voy es a que el hechizo solo tendrá efecto si ella, La Mar em tu caso, está dispuesta a someterse a él, porque si no, todo será inútil. Quiero decir que el hechizo no funciona si la persona hechizada no está consciente de que está hechizada.

-Tráele un recuerdo bueno, uno de esos que sirven para ver hacia delante y lejos, uno que le haga levantar la mirada y andarla largo y hondo. Dile que mire hacia delante, no al día siguiente, no a la próxima semana o al año entrante. Más adelante, más allá. No le preguntes qué ve. Sólo mírala mirar hacia delante. Si ves que su mirada se sonríe con ternura, entonces estarás perdonado y habrá trigo y playa y mar y viento y entonces podrás navegar de nuevo, que eso y no otra cosa es el amor. (mar/99)

E a receita de Durito, desta vez com um feitiço, é simples: o sorriso de ternura desfaz as dúvidas do amante e, desfazendo-se as dúvidas e as tristezas e através do otimismo – a fórmula zapatista – pode-se construir o futuro. E aqui vislumbramos outra característica do personagem, ou seja, a confiança em seu projeto pois, a despeito de suas “trapalhadas”, ele coerentemente mantém a fé na Revolução.

Em outra ocasião Durito leva Marcos até as montanhas em busca de bolachas. Entretanto, na selvas de Chiapas existem janelas que se abrem pra o Subcomandante, através das quais pode-se vislumbrar tanto o passado quanto o futuro. Neste lugar encontram também um livro de teoria política escrito por Marcos. O interessante é que o livro ainda não foi escrito: ler um livro escrito no futuro, tal é a experiência de Durito pois o passado serve para projetar o futuro, a memória não trabalhando apenas para trás e também para frente. Daí a importância das janelas: “las ventanas son como las galletas: son sabrosas y alimentan”. (03/2000).

Durito Famoso

Para ele não há limites, o mundo é o local de passeios do cavaleiro, que se dá ao direito de se ofender com José Saramago por chamá-lo simplesmente de “coleóptero”. Outros nomes saúdam e conhecem Durito: Joaquim Sabina, Manuel Vasquez Montalbán além de Pablo Gonzalez Casanova e Bertol Brecht, por exemplo.

Sua última aparição na web revela novamente um confronto com José Saramago, ao ditar para Marcos um conto chamado “La Rebeldia y Las Sillas”:

-¿"Las Sillas"? Durito, no vayas a salir con otra de tus...
-¡A callar! La idea viene de un escrito que Saramago y yo escribimos a finales del siglo pasado y se llama "Silla".
-¿Saramago? ¿Quieres decir José Saramago, el escritor? -pregunto perplejo.
-¡Claro! O qué, ¿hay otro? Bueno, pues resulta que ese día tomamos hasta caernos de la reiterada silla, y ya en el suelo, con esa perspectiva y lucidez de los de abajo, le digo: Pepe, ese vinillo pega más que la mula de Aznar -y él no dijo nada porque estaba buscando sus lentes.
Y entonces yo le digo: -Se me está ocurriendo algo, rápido José, que las ideas son como las alubias con chorizo, si te descuidas, llega otro y se los almuerza.
El Saramago encontró por fin sus lentes y, juntos, le dimos forma a ese relato, si mal no recuerdo, a principios de los ochenta. Claro que en el crédito sólo aparece su nombre, porque los escarabajos batallamos mucho con los derechos de autor. (10/2002)

Com seus ares de sapiência, Durito é sempre explorado por seus “colaboradores”- no caso Saramago – e o conto nos leva a um outro tempo, em começos do século XX, quando Emiliano Zapata e Pancho Villa dividiram a cadeira presidencial ao ocuparem a cidade do México. Ou melhor, o general Zapata parece incomodado com ela, desconfiando do poder que ela representa:

-Bueno, se trata de que la actitud que un ser humano asuma ante las sillas es la que lo define políticamente. El Revolucionario (así, con mayúsculas) mira con desprecio las sillas comunes y dice y se dice: "no tengo tiempo para sentarme, la pesada misión que la Historia (así, con mayúsculas) me ha encomendado me impide distraerme en pavadas". Así se pasa la vida hasta que llega frente a la silla del Poder, tumba de un tiro al que esté sentado en ella, se sienta con el ceño fruncido, como si estuviera estreñido, y dice y se dice: "la Historia (así, con mayúsculas), se ha cumplido. Todo, absolutamente todo, adquiere sentido. Yo estoy en La Silla (así, con mayúsculas) y soy la culminación de los tiempos". Ahí sigue hasta que otro Revolucionario (así, con mayúsculas) llega, lo tumba y la historia (así, con minúsculas) se repite. (10/2002)

Outra interessante história de Durito foi escrita no final da Segunda Guerra Mundial, com Bertold Brecht, embora: “*lo sé, la ponencia la empezamos al finalizar la Segunda Guerra Mundial y ya no la pudimos terminar. Bueno, debo advertirse que Bertold Brecht se limitaba a transcribir lo que yo le iba dictando.*” (07/1996)

No conto “Se os tubarões fossem humanos”, diz Durito Brecht, fariam caixas com água fresca e saudável para criar peixes, providenciariam festas aquáticas para que os peixes ficassem mais alegres e saborosos, haveriam lições de moral que mostrariam o valor sagrado dos peixes em se

sacrificar com alegria aos tubarões, assim como um futuro formoso para aqueles que obedecessem. Nesse mundo, os marxistas seriam denunciados e perseguidos e a arte representaria a sua perfeição: quadros seriam pintados destacando lindos dentes de tubarão em diferentes perspectivas, peças de teatro apresentariam peixes entrando espontaneamente nas bocas dos tubarões e a religião pregaria que a verdadeira vida começa nos estômagos dos senhores-tubarões. Não faltaria, é claro, uma hierarquia entre os peixes com regalias para os que colaborassem com os senhores. É claro que o final do conto deve ser proposto por Durito: que se quebrem as caixas e que todos os peixe possam fugir.

Esses contos mostram a incrível capacidade do escaravelho de produzir obras literárias de grande conteúdo e de indisfarçável mensagem. Entretanto, também mostra as dificuldades de um pequeno escaravelho chiapaneco de reivindicar sua autoria sobre elas. Ou seja, Durito é diferente por suas características (além, é claro, de sua “escaravelhez”) e geralmente perde a noção dos limites de seus devaneios, pois diz criado até mesmo Sherlock Holmes:

”Cherloc Jolmes era um inglês que aprendió de mi a juntar detalles aparentemente intracendentes, a unirlos em una hipótesis y a buscar neuvos detalles que la confirmaram o la rebatieran”(20/7/1995)

Durito percorreu a Europa, esteve na Itália com Dario Fo, participou da marcha contra Otan, no caso Kosovo, encontrou-se com piratas e foi presenteado com um mapa do tesouro. Para a prodigiosa missão constrói um barco:

Cuando la otra madrugada la lluvia formó un arroyo que se metió justo en medio de la champa, llegó Durito a bordo de una lata de sardinas que tenía un lapicero en medio y, en él, un pañuelo o algo así, que después lo sabría, era una vela. En la parte más alta del palo mayor, perdón, del lapicero, ondeaba una bandera negra con un cráneo feroz reposando sobre un par de tibias cruzadas. No era propiamente un barco pirata, pero sí, al menos, una lata de sardinas pirata. El caso es que el barco, o sea la lata, fue a dar justo al pie de la mesa, y lo hizo con tal estrépito que Durito salió volando y fue a aterrizar justo en mi bota.(12/10/1999)

Ou seja, podemos ver que um valoroso cavaleiro também pode se aventurar pelos sete mares, cumprindo um juramento feito a um pirata moribundo.

Durito versus neoliberalismo

Em noites de fumaça e de conversas, Durito apresenta suas considerações acerca do neoliberalismo, apresentando-o não como uma teoria para enfrentar ou explicar a crise do capitalismo, mas como sendo a própria crise que se fez teoria e doutrina, assim: *“Es decir que el “neo”no tiene la misma coherencia, no tiene planes ni perspectiva histórica. Em fin, pura mierda teórica”* (11/03/1995).

Também se dedica a pensar nos gabinetes que, de uma forma geral compõem os governos neoliberais, ou melhor, naqueles que mandam nos gabinetes e que ele chama de “Personagem X” e que pode ter inúmeros nomes por toda a América Latina ⁴. Chama-os de “políticos juniores”, que estudaram no estrangeiro com a finalidade de salvar seus países através do capitalismo, mas que aprenderam apenas uma máxima: aparenta que sabes lo que haces (20/07/1995) pois, dado o fato de que o neoliberalismo vem a ser uma “*caótica teoria del caos econômico*”. Tal personagem cria uma “realidade virtual” apoiado em números que estão descolados da “realidade real” que esses personagens desprezam.

O neoliberalismo procura destruir a história, na medida em que precisa demonstrar coerência em suas ações, é o que Durito chama de “pós-graduação do esquecimento”(06/04/1996), pois apenas busca perpetuar a associação do poder com o dinheiro, contra a qual somente resta opor a rebeldia e a dignidade, para que assim se preserve a memória, como as janelas da Lacandona de onde se pode olhar para o passado e igualmente para o futuro, a memória tendo dois sentidos. Caso contrário, vencerão os neoliberais e tudo o mais deixará de ter sentido, como já não fazem sentido os cavaleiros andantes.

Entretanto, “antenido”com seu tempo – assim como os zapatistas – Durito possui um “mini-micro-computador”, pois como diz “*nosotros los caballeros andantes tenemos que ir modernizándonos para mejor desempeñar nuestra labor*” (07/1996). E, convertendo suas antenas em “modem satelital” ele consegue também aventurar-se pela Internet e reclamar da ausência de sites pornográficos em que apareçam escaravelhas: “*pues porque ni hay una sola com escarabajas, ya no digas desnudas, vaya, ni siquiera com uma de esas bragas de “hilo dental”, que les dicen*”.(10/2002)

O neoliberalismo aparece em evidência notadamente em épocas de eleições, com seus índices macroeconômicos, que Durito chama de “macro-maquilagem” para ocultar a realidade, que transforma o mundo (voltado para NAFTA e Europa) numa sociedade dividida em compradores e vendedores e cujo elogio às grandes empresas também são artificiais, pois eles oferecem cada vez mais, menos empregos. Também nessas ocasiões – eleições – a classe política e outros setores da sociedade, como a Igreja, o clero, intelectuais, os meios de comunicação, são convocados para fazer o papel de “grandes eleitores”, omitindo-se a fome, a miséria, como o estado de Chiapas, ausente das telas. Por isso Durito ironiza, alegando que, em nome da “excelência empresarial” passará a chamar-se “Durito ponto com” (22/12/2000).. Mas, arrepende-se a tempo:

“PS_ DIALÉTICO (OU SEJA, QUE SE CONTRADIZ)

⁴ Tais como Carlos Menem ou Alberto Fujimori.

Por fim Durito diz que não, nada de “ponto com”, nem “excelência” e nem “empresarial”. Diz que em tempos de viagens é necessário um marinheiro. La mar concorda. “Eu pego os comprimidos para o enjôo.” (22/12/2000)

Assim, o cavaleiro andante também se transforma em marinheiro em tempo de viagens. Durito também se transforma para aparecer onde precisam dele. E, afinal, não é esta a sina dos grandes heróis?

Conclusões

Para encerrar, gostaríamos de fazer algumas pequenas considerações acerca dos dois personagens. O velho Antonio é o personagem que não deixa o zapatista esquecer sua origem, sua forma de ver o mundo, abrindo a janela do passado traz constantemente a tradição, como nos mostra RAJCHEMBERG & HÉAU-LAMBERT(1996):

La tradición es el conjunto de representaciones, imágenes, saberes y comportamientos que un grupo o una sociedad acepta en nombre de la necesaria continuidad entre pasado y presente; es el acervo de símbolos y comportamientos que establecen un puente entre nuestro pasado y nuestro presente colectivos forjando la nueva identidad que requiere el mundo moderno. La tradición nunca es mera repetición del pasado en el presente: reconstruye y actualiza selectivamente el pasado según los requerimientos del presente. Para muchos historiadores, la tradición es sinónimo de arcaísmo y restauración de tiempos idos. Desde la tradición nadie se inconforma, todo permanece igual. Las sociedades llamadas tradicionales se definen como comunidades holísticas, concepto actualmente en boga. En este caso, la única posibilidad de actualizar la tradición consistiría en observarla como pura reminiscencia y "reliquia" (Thompson), mera cosecha de curiosidades. La tradición, por consiguiente, nunca podría convertirse en un ingrediente de los procesos de cambio, sino por el contrario, sería reproducción idéntica a lo largo del tiempo.

Passado e Futuro formam também uma dupla criadora, como os primeiro deuses maias, cuja oposição e coexistência vão formando os caminhos para se caminhar. Portanto, dinâmica é a tradição, recusando-se a ficar no museu da história, pretende estar sempre viva, interagindo com o presente.

O velho Antonio valoriza a palavra a tal ponto que – como dizem os deuses – os zapatistas necessitam também ouvir os outros. O projeto zapatista quer falar e quer ouvir para então participar da construção, não só de um México melhor, mas de um mundo melhor. E, assim, obedecendo aos deuses maias se propõem a ouvir vozes do mundo inteiro.

Entretanto, não se pode esquecer do passado, pois se os heróis se submetem e renascem, assim também os inimigos. É necessário a memória para que não se esqueça da espada do conquistador que hoje continua causando danos aos camponeses, tanto quanto a espada do neoliberalismo, por isso continua fumando o velho Antonio: *fuma para que no se olviden la historias que le dicen los dioses.* (6-7/4/1996).

Por outro lado, o escaravelho Durito não é dogmático, luta pela manutenção do passado e contra o neoliberalismo, mas transforma a imagem do revolucionário sério, ao roubar bolachas e tabaco, ao ser arrogante e mentiroso, humaniza-se, algo difícil para um escaravelho assim como para os ícones da causa revolucionária. Durito recupera o humor, ao carnalizar a revolução que, ao lidar com a possibilidade da morte prega a vida, o humor. Que mesmo quando suas casas são destruídas, as crianças de Chiapas voltam a sorrir e a brincar, sem esquecer. Durito é também como Toñita, uma indiazinha que disputa os doces do Subcomandante, uma mensagem do cotidiano revolucionário de pessoas normais, que erram, sofrem, se emocionam e até mesmo transformam-se em cavaleiros andantes.

Através das personagens criadas, os zapatistas transmitem o amor à palavra, o respeito à tradição que se perpetua através dela. Muitos diálogos de Durito são com escritores ou personagens clássicos em que a palavra escrita é reverenciada, como em seus contos. Mas é, também, associada à tradição oral indígena, cenário das conversas entre Durito e o Sub: à noite, em volta da fogueira, antigas histórias são contadas, rememoradas ou transmitidas aos mais jovens. Durito exagera: fala demais, diz que escreve demais, conta histórias demais, joga com as palavras, brinca com elas, mas por isso mesmo, respeita-as.

Como cavaleiro andante, luta por causas perdidas, embora ele não concorde que sejam perdidas. Causas difíceis talvez, perdidas não, porque a tradição não pode ser perdida frente a uma forma de pensar o mundo – neoliberal – que, segundo ele, nem uma teoria coerente consegue ter. O passado secular de lutas indígenas não pode ser subjugado por tão pouca coerência daqueles que apenas valorizam o dinheiro. E aí que retornam os mitos na voz zapatista, como o velho bruxo índio Antonio, a contar as histórias dos deuses, ou o general Emiliano Zapata que também recorda velhas lições de vida. E Durito mantém a fé indígena num mundo melhor.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional vem produzindo uma quantidade e variedade considerável de documentos que procuram atingir todos os setores de todas as sociedades. Ao tomarem a opção por uma “guerra midiática”, também optaram por recorrer a vários instrumentos para apresentar suas propostas de uma nova sociedade, calcada na tradição, mas re-atualizada por esses novos recursos. Assim, existem velhos feiticeiros mayas e escaravelhos convivendo num mesmo espaço da Selva Lacandona e, com suas individualidades concorrendo a esse mesmo projeto, cada qual a seu modo. Durito abre a possibilidade da junção de dois ícones importantes na História Latino-americana: o índio que luta para preservar seu modo de viver e de sentir o mundo, que ainda enfrenta o conquistador estrangeiro, e o revolucionário de esquerda que teve em Ernesto “Che” Guevara seu ápice, só que ambos se fundem em um novo contexto:

Nosotros pensamos que hemos abierto outra ventana, una ventana dentro de la ventana de la izquierda, que nuestra propuesta política es más radical que las que se asoman a su ventana y que es diferente, muy “otra” (ojo: no escribí “mejor”, solo diferente (03/2000)

Profundamente humano, complexo, irreverente, irônico, sincero, romântico, crítico e nada auto-crítico. Durito se responsabiliza por uma nova faceta do revolucionário, pobre índio e internauta, pequeno no tamanho e grande em ideais:

Um escaravelho que teme as botas do Exército e que, acidentalmente, conheceu Marcos quando ele era capitão na Selva Lacandona. Mas, como disse o próprio Marcos: “*nada es accidental em los zapatistas*” (10/2002).

Estudar esses personagens equivale a entrar em vários mundos, um, mágico e povoado por fantasmas e deuses, outro, por revolucionários, cavaleiros andantes e piratas e, ainda, muitos outros mundos que os comunicados e as ações zapatistas propõem para, desta forma, tentar entender a globalização e suas inúmeras formas de resistência que têm aparecido pelo mundo e, mais particularmente, na América Latina de tradição indígena e, assim, concluir que um outro mundo é possível, um mundo de todos e não apenas dos tubarões. E, sobretudo, mostram os zapatistas que é possível falar da revolução com otimismo, bom humor, nostalgia, respeito ao passado e fé na sociedade futura. E que com essa mensagem da esperança pode-se fazer uma revolução, com risos, poesias e danças.

Bibliografia:

BRIGE, Marco & DI FELICE, Massimo. *Votán-Zapata: marcha indígena e a sublevação temporária*. São Paulo: Xamã, 2002.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Chiapas: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

DI FELICE, Massimo & MUÑOZ, Cristobal. *A Revolução Invencível: subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação nacional, cartas e comunicados*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

COLLIER, George & QUARATIELLO, Elizabeth Lowery . *Basta! Land & the zapatista rebellion in Chiapas*. Oakland, Califórnia: Food Fist Books, 1999,

GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

RAJCHEMBERG, Enrique S. & HÉAU-LAMBERT, Catherine. Historia y simbolismo en el movimiento Zapatista. 1996 Disponível em <http://www.ezln.org/revistachiapas/No12/ch12.html>